

A CONCEPÇÃO DE TRABALHO E EDUCAÇÃO EM GRAMSCI: PARA UMA PEDAGOGIA DA PRODUÇÃO ASSOCIADA

NEVES, Camila Emanuella Pereira

Mestranda em Educação/PPGE/IE/UFMT

camilaemanuella@hotmail.com

CAETANO, Edson

Doutor em Educação/IE/UFMT

caetanoedson@hotmail.com

Eixo temático: Educação e Movimentos Populares

RESUMO

Este artigo se propõe a analisar num primeiro momento o binômio trabalho e educação, a partir das reflexões feitas por Gramsci (1991, 2006), Manacorda (2008) e Nosella (2004) acerca da função e da configuração dessas duas categorias. Num segundo momento, o texto discute os elementos constitutivos da pedagogia da produção associada, concebendo-a enquanto um tipo de educação que possibilita a formação omnilateral defendida por Gramsci. Entendendo que a formação humana pode acontecer em outros espaços para além da escola, pretendemos discutir acerca do trabalho enquanto princípio educativo, forjado pelos próprios trabalhadores nos seus locais de trabalho e a partir de seus objetivos de classe. Para tanto, estaremos analisando as práticas educativas subjacentes ao trabalho associado, que se caracteriza por não explorar a força de trabalho alheia e por possuir princípios pautados na solidariedade, na reciprocidade, na cooperação e na autogestão. O presente trabalho apresenta dados e conclusões parciais de uma pesquisa em andamento, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. A pesquisa de campo está sendo efetivada junto aos trabalhadores e trabalhadoras residentes na Comunidade Capão Verde (remanescente de quilombo localizado na zona rural do município de Poconé/Baixada Cuiabana/MT), que garantem a reprodução ampliada da vida se auto-organizando com vistas a produção de derivados da banana. O objeto de estudo está sendo problematizado a partir do materialismo histórico que propicia refletir dialeticamente a interface existente entre trabalho e educação, tendo por um lado, como pano de fundo, os processos histórico-sociais mais amplos em que o mesmo está inserido e, por outro, a vinculação do mesmo a uma determinada realidade concreta. A partir das formulações de Gramsci sobre a escola unitária e a educação omnilateral, pretendemos discutir acerca do significado da pedagogia da produção associada, resultante da organização do processo de trabalho pelos próprios trabalhadores (economia popular solidária), no desenvolvimento de ações formativas/educativas orientadas para a formação de um trabalhador de um novo tipo, ou seja, comprometido com a transformação da sociedade de classes.

Palavras-chave: trabalho e educação, escola unitária, pedagogia da produção associada.

A CONCEPÇÃO DE TRABALHO E EDUCAÇÃO EM GRAMSCI: PARA UMA PEDAGOGIA DA PRODUÇÃO ASSOCIADA

NEVES, Camila Emanuella Pereira/IE/UFMT

CAETANO, Edson/IE/UFMT

1- Introdução

O presente texto, num primeiro momento, pretende analisar a articulação entre trabalho e educação sob a ótica do pensamento de autores como Gramsci (1991, 2006), Nosella (2004) e Manacorda (2008), que atentaram para a importância da formação omnilateral, a partir da escola unitária, para todos, que pressupõe a superação da dicotomia entre o trabalho produtor de mercadorias e o trabalho intelectual. Posteriormente, discutiremos os elementos constitutivos da pedagogia da produção associada, concebendo-a enquanto um tipo de educação que possibilita a formação unitária, defendida por Gramsci (2006).

Diante dessas perspectivas, apresentaremos dados e conclusões parciais da pesquisa que está sendo realizada no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. O objetivo geral da pesquisa é analisar as relações entre trabalho e educação nos processos de produzir a vida associativamente, em especial nas chamadas “comunidades tradicionais”. Além disso, considerando a educação como prática social mediadora e, ao mesmo tempo, como elemento da cultura do trabalho que se plasma nas organizações econômicas populares, objetivamos apreender os fundamentos sócio-antropológicos dos processos de formação de trabalhadores associados na produção, de maneira a nos permitir a explicitação das bases teórico-metodológicas de uma pedagogia da produção associada. A pesquisa de campo está sendo realizada junto aos trabalhadores/as da Comunidade Capão Verde (região remanescente de quilombo localizado na zona rural do município de Poconé/Baixada Cuiabana/MT), que se auto-organizam através do trabalho associado, que se contrapõe a lógica capitalista de mercado.

Nesse sentido, a análise partirá de reflexões amparadas na escola unitária de Gramsci, que procura articular trabalho manual e intelectual, bem como no sentido da pedagogia da produção associada, resultante da organização e administração do processo de trabalho por esses trabalhadores. Assim, essas categorias visam à

transformação da sociedade de classes através da elevação intelectual e moral das massas (Gramsci, 2006).

2- Trabalho e educação: um vínculo histórico e social

Diante da importância que Gramsci relegava a historicidade, afirmamos que a relação entre trabalho e educação é histórica - social, ou seja, ao longo dos tempos ela foi delineada por cada sociedade até chegar à forma como está constituída na atualidade.

Contudo, essa relação não foi marcada somente por uma vinculação entre trabalho e educação, mas também por períodos em que se lançaram a separação entre estes, como veremos a seguir.

Segundo Marx (1986), não só a educação, mas a própria organização da sociedade está voltada para a produção da vida material que condiciona a vida social, política, religiosa e jurídica. Por isso, se faz necessário analisar as mudanças educacionais, considerando-se as transformações históricas - plano social, político, cultural e econômico-.

Assim, na Idade Antiga¹, ao adaptar a natureza aos seus interesses, o homem deu início à produção da sua vida material e, conseqüentemente, ao trabalho. Nesse período, não havia divisão social nem do trabalho, pois as terras e seu cultivo eram coletivos. Assim, o trabalho se tornou um processo educativo, pois, aprendia-se a ser homem e a se relacionar com seus iguais. Em outras palavras, a sua essência ou o “ser homem” foi produzido pelo próprio homem através do trabalho.

Posteriormente, com o desenvolvimento do trabalho e da sociedade, essa relação começou a se afastar. Alguns homens se apropriaram das terras, deixaram de trabalhar e passaram a viver do trabalho alheio, originando o modo de produção escravista. Nesse contexto, surgiu a separação entre educação para os proprietários de terras e para os que nela trabalhavam. Para os que não necessitavam trabalhar, a educação se dava na escola e para os outros, se dava no próprio trabalho.

Já na Idade Média, o trabalhador passou a ser obrigado a permanecer nas terras que trabalhava pelas obrigações feudais e lhe era negada a instrução, que ficava a cargo da Igreja Católica.

¹ Alguns historiadores convencionaram a divisão da história da Europa em Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea.

Devido a algumas transformações na Europa e temendo que a igreja tomasse o poder, já que possuía muitas terras e detinha o conhecimento erudito, surgiu uma nova classe social - a burguesia - que passou a dominar a economia. Surge, com isso, o capitalismo comercial, no qual o dono do meio de produção (o capitalista) compra a força de trabalho, através de salários, para produzir bens, e ao vendê-los, recupera o capital investido e obtém mais valia (lucro). Assim, a sociedade passa a ser contratual, isto é, baseada em relações formais de trabalho.

Com o capitalismo industrial, constituído com a Revolução Industrial, as diferenças sociais se alargaram porque a mão-de-obra artesanal foi substituída pelas máquinas, a fim de se produzir em larga escala, em pouco tempo e obtendo um maior lucro. Então, a burguesia, interessada em manter seu poder, propôs uma educação laica, universal, obrigatória e gratuita para todos, mas voltada para a profissionalização desses trabalhadores.

Nesse cenário, a escola pública ganha espaço influenciado pelo ideário positivista de construir uma unidade nacional voltada para a modernidade e para o progresso. Sendo assim, o Estado passou a controlar a educação porque precisavam de uma organização escolar que atendesse aos ideais republicanos de reproduzir o modo de produção capitalista.

Além disso, um dos ideais dos republicanos era possibilitar a educação das massas para moldar os cidadãos e controlar possíveis aspirações de classe. Nessa perspectiva, era enfatizado “o progresso pelo trabalho, a ordem pela disciplina, a educação como virtude” (PEIXOTO & PASSOS, 2005, p.14).

Com isso, escola profissionalizante foi oferecida como uma alternativa as pessoas das camadas populares se inserirem no mercado.

Por volta do século XIX, muitos teóricos se dedicaram a explicar as mudanças ocorridas no mundo do trabalho e a pensar possíveis reformulações deste. Consolida-se a visão de que a escola possibilitaria restaurar a moralidade e os bons costumes para os que ocupariam o novo mundo do trabalho e, assim, os preparariam para o exercício da cidadania.

Com a modernidade do século XX, surgiram as escolas populares baseadas em um movimento pela Escola Nova. Essa tendência pretendia mudar a escola tradicional, livresca e intelectualizada. Assim, pensando no aspecto do trabalho, o indivíduo produziria o que lhe interessava, competia com outros indivíduos e a sociedade seria beneficiada com isso.

No entanto, Marx (1986), além de reafirmar que a mercadoria é a base do capitalismo, considerou também que a força de trabalho também se transformaria em mercadoria. Ele criticava a sociedade capitalista e propunha a superação da mesma, através da constituição de outra - socialista/comunista – em que a propriedade privada tornar-se-ia coletiva (autogoverno dos produtores associados), em que o Estado burguês seria substituído pela ditadura do proletariado, desaparecendo os antagonismos entre as classes etc. Com isso, as novas forças produtivas modificariam o modo de produção e as relações sociais, ou seja, conduziria a vida dos indivíduos e manteria a sociedade beneficiada.

Desta forma, o conceito de práxis, elaborado por Marx, seria uma ação social em que a sociedade seria o produto dessa ação recíproca. No entanto, essa ação é manual enquanto o homem produz as condições de existência através do trabalho, bem como intelectual, pois ligada a produção material estão idéias, consciência, modos de pensar e conceber o mundo.

Assim como Marx, Gramsci também queria uma sociedade em que as condições da reprodução ampliada da vida fossem igualitárias e que não existissem mais a subordinação/exploração entre as classes.

Reformulando o pensamento de Marx e pensando o lado educacional, Gramsci idealizou a escola unitária, em que todos teriam acesso à cultura erudita, mas aliada ao trabalho manual. Com isso, a escola passaria a ser instrumento essencial para a construção de uma nova sociedade baseada no trabalho.

Nesse contexto, o socialismo inspirado em Marx reivindicava o direito do trabalhador a usufruir da riqueza gerada pelo seu trabalho e também a uma educação de qualidade e universal. Assim, este teria direito a ser dono dos meios de produção e a igualdade social e cultural.

Em face disso, o socialismo deveria ser alcançado através das lutas de classes e da revolução do proletariado. Contudo, este não conseguiu se fortalecer pelo mundo e derrotar o pensamento hegemônico capitalista. Assim, a educação e o mundo do trabalho passaram a viver momentos de crises em face da quantidade de informações, incertezas, diversidades e desigualdades.

Diante de todas essas transformações apresentadas anteriormente, prosseguiremos com uma alternativa de formação para além da escola, destacada por

Gramsci em suas obras, que é ter o trabalho² como princípio e fim educativo das escolas modernas.

3. O trabalho associado como princípio educativo

Gramsci polemizou a concepção de educação no contexto europeu do século passado, mas seu pensamento ainda contribui de maneira expressiva aos demais países, de forma que auxilia na reivindicação de uma formação que aconteça não só na escola como para além desta, unindo teoria e prática, a fim de formar um homem que se autogoverne e governe ao mundo do trabalho.

Para demonstrar sua preocupação pedagógica e política, Gramsci (1991) afirmava que a escola deveria ajudar a elaborar criticamente o próprio pensamento do estudante e para isso era necessário partir do que o discente já conhecia (da sua experiência e concepção de mundo), já que este é um filósofo sem o saber. Assim, a escola educaria a partir da realidade concreta e para a vida concreta.

Dessa compreensão, ele afirma ainda que todos os indivíduos são intelectuais, mas necessitam de uma instrução para atingirem um progresso intelectual. No entanto, seguindo o pensamento de Marx e Engels (1987), ele frisa que o educador desses estudantes (família/professores) precisa ser primeiramente educado.

Manacorda (2008) ressalta que Gramsci tinha uma visão de escola diferente, muito por conta do próprio contexto em que viveu, sendo o seu interesse pedagógico identificado nas cartas remetidas a familiares, na Escola do Cárcere, na Escola por Correspondência, no Ordine Nuovo e entre outros meios.

Hoje em dia, podemos perceber que são disponibilizados cursos que delimitam habilitações técnicas sem a esperada formação integral do trabalhador. No entanto, Gramsci almejava a preparação para o trabalho, mas não tecnicamente e sim através da aquisição de “hábitos adequados para lidar ou lutar no mundo-do-trabalho” (NOSELLA, 2004, p.128) e priorizar o desenvolvimento das capacidades intelectuais, já que este “é também um esforço muscular e nervoso” (Idem, p. 126).

Pode-se constatar que as políticas educacionais, nos diferentes contextos históricos e sociais, apresentam a dicotomia entre a formação intelectual e a profissional, alargando as diferenças e desigualdades sociais. Nesse sentido, Gramsci

² Gramsci se referia ao trabalho industrial como princípio educativo, pois era o momento histórico que a sociedade vivia.

ressalta que a cultura não pode ser um privilegio e/ou um bem difundido de cima para baixo e postula a necessidade das camadas populares se organizarem para formar uma “hierarquia espiritual que, autônoma em relação às direções culturais-tradicionais, esteja apta a formar homens diferentes (...) completos”. (MANACORDA, 2008, p. 37).

Essa distinção de formação foi construída na sociedade capitalista que oportunizou a divisão social do trabalho e, por conseguinte, organizou a educação de maneira também cindida, almejando a formação dos indivíduos para exercerem funções diferentes na sociedade.

No entanto, dentro do sistema capitalista, existem experiências de auto-organização do trabalho e da produção, implementadas por trabalhadores(as) que se contrapõe à lógica capitalista e administram a sua produção de forma autônoma, solidária, tendo enquanto finalidade única a garantia da reprodução ampliada da vida. Como esses trabalhadores conseguem se manter dessa maneira e possuem concepções de mundo diferentes, acreditamos que o trabalho associado seja o responsável, reafirmando o pensamento de Gramsci de que o homem pode se autogovernar e governar o mundo do trabalho.

Assim, atentos a novas perspectivas, apresentaremos abaixo as contribuições de Gramsci para uma pedagogia voltada aos trabalhadores associados, pensando uma educação que parta do saber popular adquirido no e sobre o trabalho e que “expressa um fazer pedagógico comprometido com a crítica à concepção utilitarista da educação” (TIRIBA & PICANÇO, 2004, p. 27).

4- As contribuições de Gramsci para a construção da pedagogia da produção associada

A pedagogia da produção associada é uma perspectiva que tem estreita relação com a visão marxiana e gramsciana de sociedade e de formação humana.

Embora a sociedade atual seja pautada, em grande medida, pelos preceitos capitalistas, existem comunidades, associações, cooperativas ou grupo de trabalhadores(as) que procuram se organizar de forma coletiva, igualitária e sem exploração do trabalho alheio, enquanto estratégia para garantir a reprodução ampliada da vida.

Vimos anteriormente, que Marx e Gramsci já pressupunham que a produção associada em uma propriedade coletiva, em que a gestão do trabalho fosse democrática,

ao final, pudesse socializar os frutos do trabalho e distribuir os bens materiais, bem como os imateriais, pois o conhecimento acontece na e pela práxis social, cuja ação refletida e coletiva pode transformar a realidade. Para eles, as relações sociais e econômicas estão intimamente relacionadas e se constituem no âmbito de um processo histórico e de uma visão unitária de mundo.

Sobre isso, TIRIBA (2007), afirma que a pedagogia da produção associada é a produção de saberes no processo do trabalho (técnicos bem como valores e comportamentos). Podemos dizer que está relacionada a uma nova cultura do trabalho, ou seja, que desta são provenientes são “códigos, padrões, normas, conhecimentos, saberes, crenças, valores e criações materiais (instrumentos, métodos, técnicas) que regulam as ações e comportamentos humanos nas relações de trabalho e no trabalho”. Em face disso, desenvolve-se um sentimento de pertencimento ao grupo e manifesta-se no que é produzido por eles. Por isso, “a produção não só cria um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto” (Marx, 1987 apud TIRIBA, 2007, p.2).

Por isso, nosso objeto de estudo, partirá do saber popular dos trabalhadores(as) da Comunidade Capão Verde (região remanescente de quilombo localizado na zona rural do município de Poconé/Baixada Cuiabana/MT), que se auto-organizam para produzirem derivados de banana através da produção associada.

Observamos que nessa comunidade prevalece à auto-gestão, a solidariedade, a cooperação e a organização democrática da produção e do trabalho, princípios inerentes as práticas da economia popular e que diferem da organização capitalista, por não explorarem a força de trabalho alheia e por terem seu sentido ético-político visando à melhoria da qualidade de vida.

Muitos desses trabalhadores mal sabem ler, escrever e contar, mas possuem um saber que proporciona aprender e transmitir o *savoir faire* do seu ofício. Eles experimentam, refletem e discutem o trabalho com seus pares e isto incide não só nas atividades realizadas como nas relações sociais desses sujeitos.

Por isso, concluímos que para se pensar em uma educação popular para esses trabalhadores(as), faz-se necessário articular a economia e a educação popular, ou seja, utilizar os saberes dos trabalhadores e da comunidade provenientes do trabalho associado como matéria-prima para o ensino a fim de se consolidar um conhecimento que contribua para a afirmação desses homens e mulheres como sujeitos históricos. Nesse sentido, ela deve ser comprometida com a materialização dos anseios desses

trabalhadores(as), com a consciência cidadã e com a sua emancipação enquanto classe social.

Nesse intento, devem-se buscar na ação da prática os fundamentos do processo educativo, pois, em momentos de crises, as pessoas aprendem mais com a vida do que nas escolas e também, a produção de saberes e tradições são revividas e realimentadas no fazer do trabalhador. Além disso, é preciso identificar como os saberes desses trabalhadores (experiências) podem contribuir para a construção de novas práticas econômico-sociais, no interior da economia popular solidária ou em outra prática econômica. Para Gramsci, esses saberes são uma “escola maravilhosa de formação de experiência política e administrativa” (GRAMSCI e BORDIGA, 1981, p.36 apud TIRIBA, 2001, p.6) que sempre estiveram nas mãos dos capitalistas e que precisam ser explicitados e legitimados pelos trabalhadores.

Nesse sentido, TIRIBA (2004, p.82) afirma que “estimular a produção associada é fortalecer outros mercados que se contraponham à lógica do mercado capitalista” e esse também é um dos desafios da pedagogia da produção associada.

Em resumo, concluímos que a educação pode ser um instrumento de coesão ou de libertação e em determinados momentos históricos foi possível percebê-la caminhando para um desses extremos.

Parafraseando Gramsci, o trabalho associado pode ser apenas um meio de enfrentar o desemprego e/ou a informalidade, mas também podemos pensar que sendo “senhores” do seu trabalho, os trabalhadores construam um bloco social hegemônico que contribua para a transformação social. A pedagogia da produção associada se apresenta enquanto uma estratégia, em que o trabalhador toma consciência do saber que é adquirido no e sobre o trabalho e o utiliza para a sua emancipação social, política, econômica e cultural. Além disso, ele passa a criticar/analisar/compreender a realidade em que está inserido, bem como as condições objetivas de sua existência e possa a partir disso, conhecer a si mesmo na dialética com o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI, Antonio. **1891-1937 Cadernos do Cárcere, vol.1. Introdução ao estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce.** Edição e tradução de Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Cadernos do Cárcere, vol. 2. Os intelectuais, o princípio educativo – Jornalismo.** Edição e tradução de Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1991.

MANACORDA, Mario A. **O princípio educativo em Gramsci. Americanismo e conformismo.** Campinas, São Paulo: Alínea, 2008.

MARX, Karl. **O Capital.** vol.3, t. 1. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

_____; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)** .5ed. Trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1987. p.15-77.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci.** 3 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSOS, Mauro & PEIXOTO, Ana Maria C. **A escola e seus atores – educação e profissão docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TIRIBA, Lia. **Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados na produção: questões de pesquisa.** PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 26, n. 1, 69-94, jan./jun. 2008.

_____. **Educação popular e Pedagogia(s) da Produção Associada.** In: Caderno Cedes, Campinas, vol. 27, n. 71, p. 85-98, jan/abr. 2007.

_____. **Ciência econômica e saber popular: reivindicar o “popular” na economia e na educação.** In: Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

_____ & PICANÇO, Iracy. **O trabalho como princípio educativo no processo de produção de uma “outra economia”.** In: Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. São Paulo: Idéias & Letras, 2004.

_____. **O trabalho no olho da rua: fronteiras da economia popular e da economia informal.** In: Revista Proposta/FASE, n. 97, p. 38-49, jul/ago. 2003.

_____ & ICAZA, A. **Economia popular.** In: CATANI, A. (Org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 101-109.

_____. **Economia popular e cultura do trabalho. Pedagogia(s) da produção associada.** Ijuí:Unijuí, 2001.